

THE SIMPSONS TAKES ON THE UNITED STATES:
POSTMODERNISM AND (DE)CONSTRUCTION OF THE
AMERICAN DREAM.¹

RICARDO MIGUEZ

O “cartoon” *Os Simpsons* é atualmente o desenho animado há mais tempo no ar em todo o mundo. Criado pelo cartunista Matt Groening no final da década de 1980, as (des)aventuras da família Simpson são exibidas diariamente em todo o mundo pelo canal norte-americano Fox e seus afiliados. Como prova da difusão social do desenho estão suas diversas menções honrosas no universo da mídia norte-americana, como uma estrela na calçada da fama em Hollywood (em 14/01/2000) e sua nomeação pela revista *Time*, ao lado de T. S. Eliot, James Joyce, Pablo Picasso e dos Beatles, como um dos ícones culturais mais importantes do século XX. Outra evidência da influência cultural do programa está na apropriação das gírias cunhadas pelos personagens do desenho pelos falantes nativos de língua inglesa em sua comunicação diária e a recente dicionarização de diversas destas expressões na última versão do dicionário *Webster*. Como prova cabal da importância capitalista do desenho está sua arrecadação anual próxima a duzentos milhões de dólares em “merchandising”.

O sucesso de *Os Simpsons* não se restringe apenas à sua bem sucedida trajetória na televisão. Atualmente, o desenho inspira diversos cursos e seminários em diversas universidades ao redor do mundo, como na Universidade da Califórnia em Berkeley, onde alunos de diversos programas de graduação podem deleitar-se no ambiente de sala de aula com episódios da série para posteriormente dedicarem-se a uma análise rigorosa das questões sociais, políticas e culturais abordadas pelo desenho.

Os Simpsons é definitivamente uma das produções culturais mais importantes e influentes da segunda metade do século XX e início do século XXI. Por esta projeção sociocultural, acredito que também no ambiente acadêmico brasileiro seja relevante analisar este fenômeno da mídia sob uma ótica menos comprometida com as questões abordadas

no programa – comprometimento que, inevitavelmente, percebe-se nos estudos desenvolvidos nos Estados Unidos por pesquisadores culturalmente inseridos no ambiente questionado pelo desenho e coniventes com a cultura do “American Dream”, ora defendida e ora criticada pelo programa.

Os Simpsons é, antes de um rico objeto de estudo, um perfeito exemplo de programa televisivo pós-moderno. Os próprios idealizadores do desenho o anunciam assim em suas chamadas de marketing. Como é característico de produções culturais pós-modernas, *Os Simpsons* trabalha seus enredos de maneira bastante eclética (se compararmos com outros desenhos de grupos como Hanna-Barbera, Disney e da própria Fox). A problemática dos personagens é desenvolvida juntamente com as questões sociais, políticas, culturais e econômicas em que os Estados Unidos está inserido. Desta forma, um telespectador do programa não deve surpreender-se quando, de repente, o atual presidente norte-americano (magistralmente caricaturado para assumir a tonalidade amarela e a aparência símia dos personagens) aparece para conversar com um dos personagens da família e, ao final do episódio, desculpa-se, por exemplo, por ser um presidente ruim.

O tratamento que a produção do desenho dá a temas de grande difusão na sociedade norte-americana permitiu que, ao longo de mais de uma década de programa, *Os Simpsons* tenha não apenas reforçado valores arraigados da filosofia do “American Dream”, como também desconstruído aspectos da ideologia norte-americana de acordo com a mobilização política da Fox e dos produtores do “cartoon”.

Minha pesquisa utilizou obras seminais sobre o pós-modernismo de autores como Frederic Jameson, Jean-François Lyotard, Terry Eagleton, Jürgen Habermas, Ihab Hassan e Jean Baudrillard, no que estas se propõem a mapear a difusão internacional do movimento pós-moderno e avaliar suas interfaces nos diversos campos do conhecimento humano. Esta análise autorizou minha proposta inicial de que produções culturais inseridas no pós-modernismo estão suscetíveis a servir de campos de reavaliação de práticas sociais. Utilizei textos de Warren Susman, entre outros, que me possibilitaram traçar um panorama da evolução do conceito do “American Dream” desde a colonização dos Estados Unidos e artigos de James Wallace, William Irving, Matthew Henry, entre outros, que tratam especificamente de diversos aspectos do “cartoon” e de sua inserção na sociedade norte-americana.

¹Dissertação de Mestrado em Literaturas em Língua Inglesa, defendida em 6 de agosto de 2002, no Instituto de Letras da UERJ, sob orientação da Prof^a Dr^a Heloisa Toller Gomes.

O meu interesse acadêmico no programa está particularmente voltado para sua representação da (des)construção da ideologia do “American Dream” e em minha dissertação eu proponho uma análise de como o enredo de *Os Simpsons* diariamente (des)constrói o conceito diante de milhões de norte-americanos. Ilustro minha afirmação com a análise de diversos episódios do desenho no que estes tratam de questões como a convivência familiar, a organização e composição da sociedade norte-americana, a presença da religião e da educação escolar no cotidiano dos Estados Unidos, entre algumas outras.

Para complementar a minha análise da forma como uma obra da mídia pode influenciar a “schemata” (a maneira como vemos o mundo e nos posicionamos diante dele) de um telespectador, baseio-me nos valiosos estudos de Martha Nussbaum, entre outros, sobre ficção e emoções, de Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss, sobre a recepção da obra de ficção, e de Jennifer McMahon, sobre o valor heurístico da ficção.

Ao final da minha dissertação apresento subsídios que comprovam que *Os Simpsons*, com sua inofensiva aparência de desenho infantil, é uma poderosa ferramenta de manipulação de massas no que, em geral, diariamente prega que, apesar do caos de nossas vidas, os princípios do “American Dream” sempre guiarão o povo norte-americano para o progresso. Os enredos dos episódios reforçam esta lição no que mostram, por exemplo, que apesar de todos os conflitos internos desencadeados na família Simpson, o núcleo familiar, instalado em uma confortável casa no subúrbio, com dois carros e dois animais de estimação, ainda é o mais importante refúgio da sociedade norte-americana em tempos de crise.

Nota do Autor: Uma versão integral da dissertação está em fase de publicação pelo *The Group School of Criticism*. Para maiores informações ou para contactar o autor, visite: www.miguez.org